



# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de  
Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



ORGANIZADORES/AS  
**Maurício André da Silva**  
**Eduardo Kazuo Tamanaha**  
**Márjorie do Nascimento Lima**





Filomena Maria Nunes da comunidade Boa Esperança,  
RDS Amanã, convidada para entrar e espíar.

Foto: Bruno Kelly, Instituto Mamirauá



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de  
**Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação**



Márcia Perales Mendes Silva  
Diretora-Presidente da  
Fundação de Amparo à Pesquisa  
do Estado do Amazonas

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



**Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá**

João Valsecchi do Amaral  
Diretor Geral

Emiliano Esterci Ramalho  
Diretor Técnico-Científico

Alexandre Pucci Hercos  
Coordenador de Pesquisa

Eduardo Kazuo Tamanaha  
Coordenador do Grupo de Pesquisa em  
Arqueologia e Gestão do Patrimônio  
Cultural na Amazônia



**Universidade de São Paulo**

Vahan Agopyan  
Reitor

Antonio Carlos Hernandes  
Vice-reitor

**Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**

Paulo Antonio DeBlasis  
Diretor

Eduardo Góes Neves  
Vice Diretor

# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA

Ficha catalográfica

Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: da terra para lousa / organizadores, Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie do Nascimento Lima. -- São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

120 p. ; il. color.

ISBN: 978-65-993062-2-8

DOI: 10.11606/9786599306228

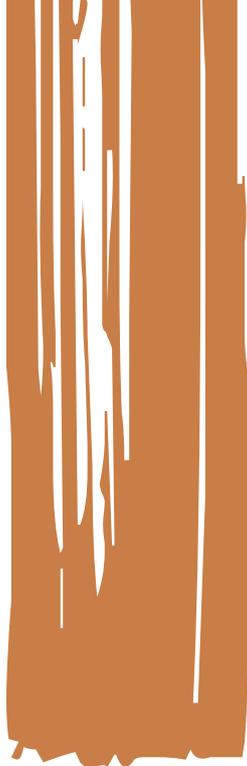
Obra financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

1. Arqueologia amazônica. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Escavações arqueológicas – estudo e ensino. I. Silva, Maurício André da. II. Tamanaha, Eduardo Kazuo. III. Lima, Márjorie.

Elaborado por Mônica da Silva Amaral - CRB-8/7681

**Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.  
Proibido qualquer uso para fins comerciais.**





# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de  
Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá  
*Mamirauá*  








Arqueóloga Luiza Vieira observa o fragmento de cerâmica coletado, comunidade Ponta da Castanha, Flona Tefé.

Foto: Bernardo Oliveira, Instituto Mamirauá

# SUMÁRIO

## OLÁ PROFESSOR, PROFESSORA, TUDO BEM?

1. Professor, professora, espia só! | *Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie do Nascimento Lima (Organizadores)* 10
  - 1.1 Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá | *Eduardo Kazuo Tamanaha* 12

## VOCÊ CONHECE A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA?

2. Educação patrimonial nos caminhos do Lago Amanã | *Maria Tereza Vieira Parente* 16
  - 2.1 Arqueologia Amazônica | *Eduardo Kazuo Tamanaha* 19
  - 2.2 Arqueologia do Médio Solimões | *Eduardo Kazuo Tamanaha* 21
  - 2.3 Arqueologia da Confluência dos Rios Solimões-Amazonas e Negro - Contexto de Manaus | *Carlos Augusto da Silva e Bruno Pastre Máximo* 23
  - 2.4 O que a arqueologia tem a ver conosco | *Maurício André da Silva* 26
  - 2.5 As coisas que viram patrimônio. Importância da legislação Patrimonial | *Carla Carneiro e Maurício André da Silva* 28
  - 2.6 Colecionamento de coisas, de material arqueológico | *Maurício André da Silva* 31
  - 2.7 Como as pesquisas Arqueológicas são realizadas? | *Carla Gibertoni Carneiro* 33
  - 2.8 Pequeno roteiro na curta duração. Como se tornar arqueólogo/a na Amazônia | *Márcio Amaral* 38
  - 2.9 Caco de pote, pote de gente | *Márjorie do Nascimento Lima* 40
  - 2.10 O que são as terras pretas? | *Márjorie do Nascimento Lima* 44
  - 2.11 O tempo das coisas e como saber se é antigo ou recente? | *Maurício André da Silva* 46
  - 2.12 Histórias de índios: do passado ao presente, tudo parente | *Patrícia Carvalho Rosa* 48

## ARQUEOLOGIA COM AS COMUNIDADES DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ

<b>3.</b>	Lembranças da borracha, do patrão e o momento das comunidades   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>52</b>
<b>3.1</b>	O território é a floresta, é o rio, é a Reserva   <i>Caetano Franco</i>	<b>54</b>
<b>3.2</b>	O papel da arqueologia na área de Reservas   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>	<b>56</b>
<b>3.3</b>	Cartografias participativas   <i>Caetano Franco</i>	<b>58</b>
<b>3.4</b>	Manejo de fauna em defesa da Sociobiodiversidade: Experiências da pesquisa sobre caça na região do Médio Solimões   <i>Lisley Pereira Lemos</i>	<b>60</b>
<b>3.5</b>	Arqueologia e as plantas   <i>Mariana Cassino</i>	<b>62</b>
<b>3.6</b>	Domesticação de plantas: a relação entre as pessoas e o piquiá   <i>Rubana Palhares Alves</i>	<b>66</b>
<b>3.7</b>	É melhor lembrar ou esquecer? Arqueologia do Lago Tefé   <i>Jaqueline Belletti e Kelly Brandão</i>	<b>69</b>
<b>3.8</b>	Arqueologia e as marcas dos muitos seres que habitam os lugares   <i>Jaqueline Gomes</i>	<b>72</b>
<b>3.9</b>	Arqueologia da FLONA Tefé   <i>Rafael Cardoso de Almeida Lopes</i>	<b>75</b>
<b>3.10</b>	Arqueologia e as práticas funerárias   <i>Anne Rapp Py-Daniel</i>	<b>78</b>
<b>3.11</b>	Conservação Arqueológica - o Lago Amanã e a preservação do patrimônio   <i>Silvia Cunha Lima</i>	<b>82</b>
<b>3.12</b>	Os estudos iconográficos na arqueologia   <i>Erêndira Oliveira</i>	<b>86</b>

## ALGUMAS DICAS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA DE AULA

<b>4.</b>	Orientações gerais para professores/as	<b>96</b>
<b>4.1</b>	Arqueologia, plantas, domesticação e o piquiá   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>98</b>
<b>4.2</b>	Arqueologia, cultura material e arte   <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>	<b>100</b>
<b>4.3</b>	Arqueologia e as práticas funerárias   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>102</b>
<b>4.4</b>	Preservação e conservação da cultura material   <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>	<b>104</b>
<b>4.5</b>	Introdução à arqueologia   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>106</b>

<b>5. AGRADECIMENTOS</b>	<b>110</b>
--------------------------	------------

<b>6. CRÉDITOS</b>	<b>116</b>
--------------------	------------

| **Jaqueline da Silva Belletti**

Arqueóloga Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais.

| **Kelly Brandão**

Pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

## É MELHOR LEMBRAR OU ESQUECER? ARQUEOLOGIA DO LAGO TEFÉ

É melhor lembrar ou esquecer? Existem lembranças boas que guardamos com carinho, contudo, há situações difíceis que gostaríamos de apagar da memória. Muitas vezes, mesmo as situações ruins trazem importantes lições, isso acontece também com países e sociedades.

Por exemplo, as pessoas que vivem hoje na Alemanha tiveram que escolher entre esconder tudo que foi feito durante o holocausto – como o assassinato de milhões de judeus, ciganos e outras populações – ou manter viva essa memória, para que esses erros não voltassem a serem cometidos. Já a África do Sul passou 56 anos sob o regime social do Apartheid, onde pessoas brancas eram consideradas melhores e tinham mais direitos que as pessoas negras. A população sul-africana teve que decidir como falar sobre esse período de injustiças. Ambos os países escolheram enfrentar o passado, assim, lugares e monumentos foram criados para contar as histórias daqueles acontecimentos tão difíceis.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados, pois, praticamente na história de todos os lugares situações violentas e equivocadas aconteceram. Você consegue pensar em algum exemplo?

No caso da história do Brasil, um grande erro cometido foi o massacre das populações indígenas, causado pelos conflitos, pela escravização e pelas doenças surgidas com a invasão europeia.

Para justificar a invasão das terras indígenas e o massacre que ocorreu a partir dela, era comum que os governantes europeus da época espalhassem informações de que não havia muitos indígenas naqueles locais que estavam sendo tomados ou que esses eram atrasados e precisavam dos europeus para “evoluir”.

A arqueologia pré-colonial brasileira, que é a área de pesquisa que estuda as populações indígenas antes da invasão europeia, está cheia de exemplos de que essas duas informações não eram verdadeiras. Se olharmos apenas para as pesquisas realizadas no entorno dos Lagos Tefé e Amanã, por exemplo, veremos que as duas localidades estão cheias de sítios arqueológicos, mostrando, assim, que muita gente morou na região antes da invasão dos europeus. Só no Lago Tefé são 22 sítios arqueológicos que, se somados aos que são conhecidos para o Rio Tefé, totalizam 41.

Nesses sítios é possível ver milhares de “cacos de potes” de muitos tipos. Alguns deles são bastante diferentes uns dos outros, enquanto outros parecem misturar elementos de diferentes tipos. Para os/as arqueólogos/as essas distinções nos modos de fazer cerâmica indicam que povos diversos viveram ao redor do Lago Tefé, e essas misturas de elementos mostram que diferentes formas de interação foram experimentadas. Mas, isso não é exatamente novidade para as pessoas que hoje moram nas comunidades à beira do lago. Caminhando todo o dia sobre milhares de cacos de potes, e muitas vezes levando os/as arqueólogos/as para conhecer e registrar tais locais, eles/elas comentam que tantos cacos devem ter sido feitos por muita gente e indicam aqueles que são mais e menos comuns na área. Alguns/mas, inclusive, contam histórias do tempo dos antigos, que falavam como os potes eram feitos, porque estão tão quebrados, ou ideias de porque alguns parecem misturados. Nós ouvimos com atenção essas preciosas informações, anotamos e somamos aos dados produzidos com os nossos métodos, pois, ninguém conhece melhor um lugar do que quem vive nele.



Crianças da comunidade Vila Bastos acompanhando os trabalhos de escavação.

Foto: Instituto Mamirauá



Conversa com Dona Graça, Moradora da Vila Bastos.

Foto: Jaqueline Gomes

Através das pesquisas que nós realizamos entre 2011 e 2015, no Lago Tefé, principalmente nas comunidades mais próximas à boca do Lago (Vila Valente, Vila Vale, Vila Bastos e Fazenda do Francês) no sítio arqueológico Conjunto Vilas e, pontualmente, na comunidade Tauary no rio Tefé, onde também há um sítio, aprendemos muito com os/as moradores/as delas e buscamos chegar a algumas respostas para as perguntas que nos faziam.

Uma das maiores curiosidades das pessoas das comunidades onde há sítios arqueológicos é “de quando são os cacos?”. No sítio Conjunto Vilas as datações realizadas por carbono 14 mostram que já haviam pessoas morando no Lago Tefé desde 400 anos depois de Cristo, isto quer dizer que a 1600 anos atrás os indígenas já estavam morando e deixando os sinais de sua presença por ali, como os pedaços de pote e a Terra Preta. Os vestígios analisados apontam que até 1200 anos depois de Cristo, ou até 800 anos atrás, essas/esses indígenas antigas/os continuaram estando ali. E é muito provável que só tenham começado a sair de lá quando os europeus se tornam presença frequente na região.

Outra pergunta muito comum entre as/os comunitárias/os é “quem fez os cacos de potes?”. Nos anos

de 1950 um arqueólogo chamado Petter Paul Hilbert passou por Tefé, e escavou também nessas mesmas comunidades da boca do Lago Tefé. Segundo ele, as pessoas que moravam no Conjunto Vilas teriam inicialmente começado a produzir as cerâmicas de um tipo que ele chamou de Fase Caiambé, mas, aos poucos teriam ido mudando as características dos potes e passaram a fazer um tipo novo, que ele chamou de Fase Tefé. Nos estudos que fizemos mais de 50 anos depois Hilbert, e tendo a possibilidade de escavar e estudar mais cacos, concluímos que por um lado ele estava certo, realmente havia naquele sítio os dois tipos de cerâmica diferentes, como ele havia encontrado. Contudo, nós percebemos que cada uma dessas fases representava povos que tinham modos distintos de produzir seus objetos, pois, tinham modos de viver em alguma medida diferentes. A existência de objetos dos dois tipos no mesmo lugar indicou que de alguma maneira por mais distintos que fossem os povos que produziam as cerâmicas das fases Caiambé e Tefé elas/eles se relacionaram. Como foram exatamente essas interações nós não podemos afirmar com certeza ainda, mas com base no que se conhece das populações indígenas atuais nós temos algumas hipóteses. Você imagina quais poderiam ser essas formas de interação que levaram à mistura dos cacos de pote de povos diferentes?



Dona Lídia, moradora da Vila Bastos segurando artefato encontrado na comunidade.

Foto: Jaqueline Gomes

Independentemente das questões que a arqueologia ainda precisa entender melhor, ela já conseguiu demonstrar: muita gente viveu, e por bastante tempo, ao redor do Lago Tefé.

Há uma história contada entre os antigos indígenas da região de que no alto Rio Tefé havia um lago que refletia o brilho das estrelas como um espelho, e ficou conhecido como o “Lago dos Espelhos”. Sabendo hoje que as margens do Lago Tefé desde muito tempo atrás são ocupadas por muitas pessoas, não apenas em quantidade, mas em diversidade, poderíamos chamá-lo de “Lago das Gentes”: gentes do passado e do presente que não podem ser esquecidas. A arqueologia, nesse sentido, estudando objetos e paisagens produzidos pelas pessoas pode ser uma ferramenta importante para contar muitas histórias, não só dos europeus, dos patrões, dos políticos, mas também de indígenas, ribeirinhos, beiradeiros, operários e tantas outras pessoas – tantas vezes esquecidas.

Por fim, convidamos todos que leram esse pequeno texto a pensar e conversar na sua sala de aula, com seus professores/as, aluno/as, colegas ou até mesmo com seus familiares e amigos/as sobre a seguinte ideia: a arqueologia mostra que os povos indígenas ocupavam densamente toda a Amazônia, e também



Visita dos moradores da comunidade Tauary ao laboratório de Arqueologia do IDSM vendo a curadoria do material trazido da comunidade.

Foto: Jaqueline Belletti

outras regiões do território que hoje chamamos Brasil; que produziam inúmeros objetos (que até hoje encantam o olhar das pessoas, não só pela sua beleza, como pela dificuldade de fazê-los); que foram capazes de modificar os solos e as paisagens de formas que nem os cientistas de hoje conseguem repetir; Logo, a arqueologia demonstra que aquelas justificativas dadas ao longo da história para a invasão das terras indígenas e extermínio desses povos não eram verdades. Então, não seria importante para o Brasil enfrentar o seu passado e assumir que os indígenas foram muito machucados e prejudicados pela invasão europeia?

Nós não podemos mudar o passado, assim como os alemães não podem apagar o Holocausto nem os Sul Africanos podem apagar o Apartheid de suas histórias, nós não podemos apagar o genocídio indígena da nossa. Mas, quem sabe “acertando as contas” com o passado não seria mais fácil impedir que novas injustiças ocorram no presente? Talvez, desta maneira, as pessoas possam entender que ainda hoje os diversos povos que vivem na Amazônia, sejam indígenas ou ribeirinhos, são extremamente prejudicados pelos interesses de pessoas de outros lugares em suas riquezas. O que você acha?